

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**A transferência da
tradição Clássica
entre Europa e
América Latina**

Le Breton, os ideólogos e o Instituto de França: modelos artísticos para o Brasil

Paulo M. Kühl
UNICAMP

Resumo

O artigo examina como a atividade de Le Breton na *Décade Philosophique* se articula com as propostas dos Ideólogos e do Instituto de França, esclarecendo qual era o projeto para as artes e qual papel estas teriam na sociedade. Mostra também que a combinação entre economia política, literatura de viagem e as artes é importante para se compreender a atuação brasileira de Le Breton, especialmente no manuscrito sobre o estabelecimento da escola de artes no Rio de Janeiro.

Palavra Chave

J. Le Breton; *Décade Philosophique*; Artes

Abstract

The paper examines how Le Breton's activities in the *Décade Philosophique* relate to the *Idéologues* and the Institut de France, explaining their project for the arts and the purpose they should have in society. It also shows that the combination of Political Economy, travel literature and the arts is important to understand Le Breton's initiative in Brazil, especially in his manuscript letter on the constitution of an art school in Rio de Janeiro.

Keywords

J. Le Breton; *Décade Philosophique*; Art

A mais bela empresa que resta a fazer sobre o globo consiste em dar a liberdade aos povos submissos; em difundir as artes e as luzes nas regiões que delas estão privadas; em estabelecer relações fáceis e naturais entre os povos e suas necessidades; em melhorar tudo o que existe, substituindo os falsos cálculos da avidez e da ambição pelos liames das reais conveniências.

Joachim Le Breton

*Décade Philosophique, n. 18, 30 Ventôse, An 6 (10/03/1798), p. 530.*¹

No mundo das artes e da história da arte no Brasil, a produção intelectual de Joachim Le Breton é conhecida sobretudo pelo chamado “Manuscrito inédito”, traduzido por Mário Barata e publicado em 1959². Há também um pequeno livro sobre a vida de J. Haydn, publicado no Brasil em 1820 e que vem recebendo a atenção de pesquisadores, sobretudo nos últimos dez anos³. O nome de Le Breton, no Brasil, está indissociavelmente ligado à vinda dos artistas franceses, à tentativa de organização de uma “dupla” escola de artes no país e à história de tal empreitada. As diversas questões relativas ao tema vêm sendo constantemente debatidas pela literatura nos últimos cinquenta anos e centram-se, no mais das vezes, nos últimos anos da vida de Le Breton. Pretendo, neste artigo, investigar um momento anterior de sua vida intelectual, tentando estabelecer relações com aquilo que Le Breton propôs-se a realizar no Brasil.

Nos anos como Secretário Perpétuo da Classe de Belas-Artes do Instituto de França, de 1803 a 1816, Le Breton produziu uma série de textos (14 elogios ou notícias) sobre a vida de artistas, na maioria membros do Instituto; além desses, de sua autoria são também os relatórios sobre o estado das artes na França. É neste período que vemos o autor dedicar-se especificamente a temas ligados às artes; antes disso, quase nada em sua produção intelectual, indicava uma relação mais próxima com as artes. O que interessa aqui, mais especialmente, é uma fase ainda anterior, quando em um conjunto de textos podemos acompanhar o percurso intelectual de Le Breton.

A primeira publicação de sua autoria de que se tem notícia é um pequeno volume que se destinava ao ensino de lógica e retórica⁴, quando Le Breton ainda pertencia à ordem dos Teatinos e ensinava retórica em Tulle. Tampouco é este momento que interessa, mas sim, uma etapa seguinte, quando o autor se tornou um dos sócios fundadores⁵ e redator da revista *La Décade Philosophique*⁶

1 Todas as traduções são de minha autoria.

2 Carta ao Conde da Barca, datada de 12/06/1816. In: Barata, Mário. Manuscrito inédito de Lebreton. Sobre o estabelecimento de dupla escola de artes no Rio de Janeiro, em 1816. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 283-307, 1959. A segunda versão da mesma carta, datada de 09/07/1816, foi parcialmente publicada por E. R. Peixoto. In: *Exposição Le Breton e a Missão Artística Francesa de 1810*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Museu Nacional de Belas Artes, 1960, p. 7-27. Estou trabalhando na transcrição dos manuscritos originais, em francês, que estão no Arquivo Histórico do Palácio do Itamaraty (Rio de Janeiro).

3 *Notícia histórica da Vida e das Obras de José Haydn*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1820 (edição moderna, São Paulo: Ateliê, 2004).

4 LE BRETON, Joachim. *La Logique adaptée à la Rhétorique*. Paris: Pichard, 1788.

5 N. de Chamfort, que morre antes de o primeiro número ser publicado; P.-L. Ginguené, J.-B. Say, A. Duval, F. Andrieux, G. Toscan e J. Le Breton.

6 O periódico existiu entre 29/04/1794 e 17/09/1804.

e quando, a partir, de 1795, iniciou suas atividades como membro do Instituto de França.

As duas atividades estavam interligadas através dos *Idéologues*: o Instituto era um projeto da *Idéologie* e a *Décade*, seu veículo privilegiado. É necessário, antes de tudo, destacar a sombra de esquecimento que se estendeu sobre essa corrente filosófica, sobre seus membros e mais especialmente sobre Le Breton. A história da filosofia acabou rechaçando não apenas as proposições dos ideólogos, mas terminou também por sepultar sua história. São vários os motivos de tal esquecimento: a oposição às teorias kantianas, a proximidade com o poder político (até o início do Consulado), posteriormente a perseguição de Napoleão, e até mesmo o uso da palavra “ideologia”, que por tantas transformações passou nos séculos XIX e XX. Existem importantes exceções na literatura: dos estudos pioneiros de Picavet⁷ e Guillois⁸, até os de Kitchin⁹, Régaldo¹⁰, Gusdorf¹¹, Moravia¹², e, mais recentemente, Boulad-Ayoub¹³. Mesmo dentre esses, a preocupação principal esteve ou em questões de filosofia moral ou de economia política, nunca exatamente nas artes e, no mais das vezes, os comentários sobre Le Breton são apenas passageiros. Se os *Idéologues* aparecem como “menores” dentro de uma história mais tradicional da filosofia, Le Breton seria um “menor” dentre os “menores”¹⁴. Para J. Kitchin, ele é um “intelectual sem originalidade mas muito capaz em sua função de secretário”¹⁵; para Moravia, “não era um personagem de grande estatura intelectual”¹⁶. Como se sabe, o nome de Le Breton esteve associado a uma polêmica que, de algum modo, também o levou ao esquecimento. Trata-se da importação (transporte, “repatriamento”) das obras de artes dos países conquistados pela França. Desde 1796, Le Breton é um grande defensor da transferência das obras para Paris e da criação do *Muséum*. Se Quatremère de Quincy, no mesmo ano, quando publica suas *Lettres à Miranda*, está do lado derrotado, a partir de 1816 a situação se inverte. Assim, tanto para o mundo artístico francês da época quanto para as mais recentes teorias de preservação e

7 Picavet, François. *Les idéologues. Essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc., en France depuis 1789* [1891]. New York : Burt Franklin, 1971.

8 Guillois, Antoine. *Le salon de Madame Helvétius: Cabanis et les idéologues*. Paris: Calmann Lévy, 1894.

9 Kitchin, Joanna. *Un journal “philosophique”: La Décade (1794-1807)*. Paris: Lettres modernes, 1965.

10 Régaldo, Marc. *Un milieu intellectuel: la Décade philosophique (1794-1807)*. Lille: Atelier Reproduction des thèses, Université de Lille III, 1976.

11 Gusdorf, Georges. *La conscience révolutionnaire. Les idéologues*. Paris: Payot, 1978.

12 Moravia, Sergio. *Il tramonto dell'Illuminismo. Filosofia e politica nella società francese (1770-1810)*. Bari: Laterza, 1986.

13 Boulad-AYOUB, Josiane. *La Décade philosophique comme système, 1794-1807*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. 9 v.

14 Dos *Idéologues*, os nomes lembrados mais constantemente talvez sejam os de Volney, J.-B. Say, P. Cabanis; das outras gerações, Laplace, Pinel e o último filho ilustre, H. Taine.

15 KITCHIN, op. cit., p.15.

16 Moravia, op. cit., p. 251. O autor reconhece, porém, a “notável cultura” e a “brilhante carreira” de Le Breton.

de conservação do patrimônio, Le Breton estaria numa posição equivocada das discussões, o que mais uma vez contribuiu para seu esquecimento¹⁷.

Como um dos proprietários e membros fundadores da *Décade Philosophique*, Le Breton trabalhou intensamente na publicação. Calcula-se que a *Décade* tenha tido por volta de 300 colaboradores, dos quais cerca de uma centena foram identificados¹⁸. As assinaturas dos artigos, em geral apenas com iniciais, às vezes com pseudônimos, só aparecem a partir do tomo V, (Germinal-Prairial do ano III) e não são nem constantes nem parecem ser sistemáticas. É no n. 34, 10 germinal (30/03/1795), que aparece o primeiro artigo com a assinatura L. B. : na rubrica Economia Doméstica, “*Sur l’usage de la nourriture végétale*”¹⁹. Seguem-se diversos artigos de Le Breton sobre os mais variados temas: alimentação de animais, conquistas na agricultura, maneiras de se fazer sabão, panificação do arroz, comentários sobre tratados de agricultura, fabricação de esterco, etc. Tais temas podem soar “deslocados” num jornal “filosófico, literário e político”, mas a ênfase na capacidade de organização das sociedades é elemento importantíssimo para a teoria dos ideólogos e a missão do periódico era constantemente repetida: “espalhar a luz filosófica sobre todos os temas”²⁰. Muito podemos depreender desses primeiros textos de Le Breton na *Décade*, e o princípio que mais se destaca é a confiança quase inabalável na razão e na organização e planejamento das atividades humanas. Este otimismo não deve ser confundido com ingenuidade; funda-se, isto sim, na própria doutrina dos *Idéologues* e nos grandes projetos propostos para a sociedade francesa pelo Instituto.

Vários artigos de autoria de Le Breton continuaram a aparecer na *Décade*, sob as mais diversas rubricas: economia doméstica, economia rural, economia política, economia social – vocabulário revelador e há muito em desuso – ciências aplicadas às artes, agricultura, filosofia, estatística, geografia e viagens. Mesmo nestes dois últimos casos, quando o autor resenha publicações, a ênfase sempre recai sobre o que poderia ser feito para melhorar determinadas condições problemáticas: assim, preocupações que chamaríamos de “ecológicas”, ou ainda com uma alimentação natural (vegetariana), ou até mesmo sobre a questão judaica na Europa, sobre a população e a economia do Oriente Médio, ou sobre o destino das colônias americanas e africanas, surgem como uma oportunidade para se encontrarem soluções. E aquelas obras com uma abordagem histórica, por exemplo, sobre os sistemas marítimos na Europa ou os anais de agricultura, fornecem subsídios para uma reflexão e propostas de ação.

Até 1797, apenas dois artigos de Le Breton tratam diretamente das artes: no primeiro deles²¹, sob a rubrica “Política – Negócios estrangeiros”, Le Breton comenta, em notas, as respostas às objeções contra a “importação” de

17 Há exceções, como as várias publicações de E. Pommier. Ver também Leniaud, J.-M. Joachim Le Breton et Antoine Quatremère de Quincy, secrétaires perpétuels de l’Académie des Beaux-Arts: deux conceptions divergentes du musée. In: Caracciolo, M. T.; Toscano, G. (Org.). *Jean-Baptiste Wicar et son temps, 1762-1834*. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2007, p.79-91.

18 Cf. BOULAD-AYOUB, op. cit., v. 1, p.31.

19 p.16-18.

20 N. 35, 20 Fructidor, An VII, (06/09/1799), p.543.

21 N. 81, 30 Messidor, Ano IV (18/07/1796), p.181-186.

obras de arte da Itália. O autor enuncia uma idéia central para diversos escritores daquele momento:

*Já é tempo que todos os monumentos do gênio dos gregos abandonem uma terra que não é mais digna de possuí-los. Eles foram criados em um país livre: somente na França podem hoje reencontrar sua pátria.*²²

Um ano depois, na rubrica “Economia Social”, Le Breton publicou um artigo intitulado “Da influência da liberdade sobre as letras”²³, no qual defende veementemente que o governo republicano seria o mais favorável às ciências e à artes. Para o autor, nesse regime ninguém deveria submeter-se aos caprichos de um príncipe e, acima dos artistas haveria apenas “a superioridade do gênio, do talento ou das virtudes”²⁴. Para provar sua tese, faz uma série de considerações sobre Genebra, com uma longa lista de homens das ciências, da literatura e das artes na cidade. O tema aqui é a relação entre a liberdade e a produção científica e artística, tema aliás caro para os ideólogos e para a *Décade Philosophique*.

Os artigos sobre as artes na *Décade* podem ser agrupados da seguinte forma: as artes mecânicas, as belas-artistas, literatura, festas, a crítica dos espetáculos e a seção de variedades. O item mais constante é certamente a crítica dos espetáculos: em todos os números da revista, há pelo menos um artigo sobre teatro ou ópera, ou sobre ambos, em geral de autoria de “L.C.” (La Chabeausière). A rubrica das artes mecânicas também é constante, trazendo notícias de descobertas, ou ainda das escolas relacionadas às artes e ofícios. Com relação às artes do desenho, há uma flutuação, já que a supressão da antiga academia de belas-artistas (1793) havia desestruturado o sistema artístico francês. Mas na *Décade* surgem considerações sobre salões e outras exposições em Paris. E na rubrica “variedades” percebe-se o grande interesse pela “importação” e exposição das obras vindas da Itália.

Amaury Duval é o autor que primeiramente se dedicou às questões ligadas às artes do desenho, mas não apenas a elas. De artigos sobre moda e sobre as perucas, passando pela literatura de viagem ou por obras literárias, o autor, às vezes sob o pseudônimo de *Polyscope*, fez uma série de considerações sobre os caminhos mais recentes da arte francesa, sobre os retratos e sobre a pintura histórica. As grandes questões são quase sempre as mesmas: a emulação, como ponto central para a produção artística, a referência ao antigo (sempre sob o crivo de Winckelmann) e a imitação da natureza. São preceitos poéticos constantemente repetidos, mas que se combinam com uma preocupação com a reorganização do mundo artístico na França, discutido nas relações entre arte e sociedade.

²² Nota, p. 184.

²³ N. 36, 30 Fructidor, Ano V (16/09/1797), p.519-528.

²⁴ LE BRETON, op. cit., p.519.

Artigos do próprio Duval, mas também de J.-B. Say, e até mesmo de Le Breton, além da publicação do livro de Chaussard²⁵, e as resenhas que recebeu na *Décade*, versam sobre a relação entre a nova liberdade, a produção artística e também sobre possíveis maneiras de regular as atividades ligadas às artes. A premissa básica era de que somente em uma sociedade livre as artes atingiriam seu esplendor; os autores afirmavam então que as artes na França melhoraram após a Revolução e tenderiam a progredir cada vez mais, rumo à perfeição. Os extratos do *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales, de Mme. de Stael*, e os comentários sobre o livro também insistem nas relações entre a sociedade e as artes.

Existe certa desconfiança, sobretudo durante o Terror, com relação ao papel que o estado deveria ter, não no fomento à produção, mas no controle dela. Já sob o Diretório, a idéia era de que o estado deveria fazer todo o possível para que as artes pudessem florescer, reestruturando o ensino, promovendo um contato constante com a “boa” produção artística e também realizando encomendas. A idéia central era sempre a da emulação: somente em contato com a grande produção artística, as novas produções poderiam atingir a perfeição, superando os antigos. A noção de progresso era uma constante para os ideólogos e pode ser reconhecida em todas as atividades humanas tratadas na *Décade*; a emulação não era apenas artística, mas aparecia também na agricultura, no comércio, na navegação, na indústria, etc. No caso das artes, eram as exposições e salões, o novo Museu, as pinturas italianas²⁶, gravuras que reproduzissem desenhos de qualidade e que fossem espalhadas pelos departamentos, as esculturas antigas, os moldes em gesso dessas mesmas esculturas a serem distribuídos por toda a França, a possível reorganização da Academia Francesa de Roma, e outros projetos, que estimulariam os artistas. Note-se que o próprio Instituto estava interessado em todas essas questões; a Classe de Literatura e Belas-Artes propôs (nos anos VII e VIII) como tema de um concurso a seguinte questão: “Quais foram as causas da perfeição da escultura antiga e quais seriam os meios para atingi-la”. Não se tratava apenas de uma discussão teórica, mas sim de uma análise histórica que desse subsídios para a ação do estado.

Havia nas críticas da *Décade*, no início, certa desconfiança com relação ao retrato, que depois acabaria se dissipando; e o gênero privilegiado era sempre a pintura histórica. Chaussard, comentando a exposição de 1798, queixava-se: “Contam-se poucos quadros de história, gênero que mais convém encorajar em um estado livre, porque ele se liga às instituições e aos costumes”²⁷ – ressaltando assim a primazia da pintura histórica.

25 A primeira frase é emblemática: “Até hoje consideramos as artes como ornamentos do edifício social; elas fazem parte de suas bases”. CHAUSSARD, P., *Essai philosophique sur la dignité des arts*. Paris: De l’imprimerie de Sciences et Arts, 1798, p.3.

26 “Tremei, pintores franceses! Vossos juízes chegaram. O salão atual é um tribunal diante do qual sereis um a um forçados a comparecer. Vossos quadros serão comparados com esses tipos de belo (...) O povo que jamais tivera sob os olhos tantas e tão belas produções das famosas escolas da Itália logo começará a conceber o que deve ser a pintura”. Duval, Amaury. *Beaux-Arts*. N. 21, An VI, 30 Germinal (19/04/1798), p.154.

27 N. 23, 20 Floréal, An VI, IV Trimestre, (09/05/1798), p.276

Reconheço ser problemático extrair de uma variedade de artigos publicados na *Décade Philosophique* elementos gerais que, de algum modo, traduziriam o pensamento de Le Breton sobre as artes. De fato, tal empreitada enfrenta uma série de obstáculos, mas alguns elementos constantes aparecem ao longo da história da publicação, bem como em determinadas diretivas do Instituto e serão reaproveitados por Le Breton quando da redação das duas cartas ao Conde da Barca, com o projeto da dupla escola de artes para o Brasil. Podemos destacar: 1) a crença na organização de instituições que promovessem a instrução pública, elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer sociedade; 2) a íntima relação entre as artes e a sociedade, com especial ênfase na liberdade como elemento essencial da excelência artística; 3) a interligação das várias áreas do saber; 3) a necessidade de criar-se um meio artístico que favorecesse a emulação; 4) a presença de modelos artísticos da antiguidade e das “escolas” italianas, referências maiores da história da arte; 5) a confiança de que transposição de obras de arte e de modelos artísticos de um país a outro (Itália-França) traria grandes benefícios e garantiria o progresso nas artes.

Com exceção da relação entre arte e liberdade, os outros itens podem ser reconhecidos no projeto de Le Breton. Talvez justamente o elemento mais importante para garantir a excelência artística estivesse ausente no Brasil; na *Décade*, é visível em todos os autores e textos a preocupação com uma noção de arte republicana, o que certamente entraria em confronto com aquilo que existia no Brasil no início do século XIX. O tema nunca aparece nas duas cartas de Le Breton; assim, a leitura delas nos dá a sensação de que a instauração de uma “dupla escola de artes” era apenas uma questão de organização de instituições, sem levar em conta tensões políticas ou mesmo do mundo artístico carioca daquele momento.

Para Le Breton, era necessário criar do zero um sistema de ensino artístico no Brasil; o máximo que ele parecia reconhecer, pelo menos no projeto, era a presença de Manoel Dias como bom professor de desenho. Nem as obras de arte, nem a arquitetura, nem o mobiliário, nem as pessoas, nada do que havia no Rio de Janeiro fazia parte da discussão de Le Breton. Claro, podemos ver com clareza, a quase dois séculos de distância, tanto o que aconteceu com o próprio autor na França quanto as variadas desventuras do funcionamento da escola de artes no Rio de Janeiro, e concluir que o projeto era equivocado. Não em sua estrutura, mas por desconsiderar elementos próprios da vida, da administração e da cultura portuguesas. Assim, a transposição dos modelos, que parecia tão racional, encontrava obstáculos que mostravam na verdade os limites do próprio modelo.

Mas na comparação dos elementos propostos por Le Breton, exaustivamente apontados pela literatura, com o que se discutia em determinado meio artístico e político na França, percebemos uma clara equivalência. Fica também mais patente a insistência do autor em aspectos como a primazia da pintura histórica (e suas conseqüências no ensino), a necessidade de importar esculturas em gesso, em criar exposições e estabelecer prêmios, a tão desejada viagem à Itália, além, é claro, da proposta não realizada de uma escola de artes e ofícios. Neste ponto, que pode parecer apenas como uma ação “visionária” de um recém chegado ao país, ecoam na verdade as propostas centrais dos ideólogos, do Instituto e da *Décade*.